

**A técnica do grupo focal em pesquisa sobre Educomunicação:
construindo ecossistemas comunicativos**

***The technique of the focal group in research on Educommunication:
building communicative ecosystems***

Fernanda da Silva LINO¹
Raquel Regina Zmorzenski Valduga SCHÖNINGER²
Ademilde Silveira SARTORI³

Resumo

Este artigo teve como intenção refletir sobre as contribuições da técnica metodológica do grupo focal para o campo da educação e para o campo da Educomunicação. O texto aborda a definição do grupo focal enquanto uma técnica qualitativa de coleta de dados, suas características e alguns traços de como é aplicado no campo das ciências sociais. O artigo também apresenta a definição da Educomunicação como um campo de inter-relação entre a comunicação e a educação, diante de um cenário educativo cada vez mais marcado pelas tecnologias digitais. A Educomunicação tem entre os seus conceitos-chave, a criação de ecossistemas comunicativos, portanto, este artigo trata das afinidades entre este elemento tão importante para a Educomunicação e a técnica de grupo focal para coleta de dados. Por fim, as considerações finais ressaltam as contribuições dessa técnica para as pesquisas em Educomunicação, onde ambas se afinam no sentido de buscar práticas mais dialógicas e participativas.

Palavras-chave: Pesquisa. Grupo focal. Educomunicação. Ecossistemas comunicativos.

Abstract

This article intends to reflect on the contributions of the methodological technique of the focal group for the field of education and for the field of Educommunication. The text addresses the definition of the focus group as a qualitative technique of data collection, its characteristics and some traces of how it is applied in the field of social sciences. The article also presents the definition of educommunication as a field of interrelation between communication and education, facing an educational scenario increasingly marked by digital technologies. Educommunication has among its key

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
E-mail: lino.nanda@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
E-mail: raquelvalduga.pmf@gmail.com

³ Doutora em Comunicação – USP. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: ademildesartori@gmail.com

concepts, the creation of communicative ecosystems, so this article deals with the affinities between this element so important for educommunication and the focal group technique for data collection. Finally, the final considerations emphasize the contributions of this technique to research in educommunication, where both are refined to seek more dialogic and participative practices.

Keywords: Research. Focal group. Educommunication. Communicative ecosystems.

Introdução

A pesquisa em Educação no Brasil trouxe, ao longo da história, uma diversidade de temáticas, contextos, enfoques e métodos, mas, também, alguns questionamentos. Para André (2001, p. 55), o primeiro questionamento é referente aos fins da investigação e a natureza dos conhecimentos gerados: “o que caracteriza um trabalho científico?”. A segunda questão é voltada aos critérios de avaliação da qualidade dos trabalhos científicos: “como julgar uma boa pesquisa?”. E por fim, questões que se referem aos pressupostos dos métodos e técnicas de investigação: “que procedimentos devem ser escolhidos para manter o rigor na coleta e análise e dados?”.

São questionamentos muito pertinentes para pesquisas em Educação e, embora seja impossível de se chegar à respostas definitivas, principalmente por se tratarem de fenômenos sociais, conforme Gomes (2005, p. 276), “é necessário aperfeiçoar processos que permitam aproximações cada vez mais fidedignas com relação ao fenômeno estudado”. No início do percurso da pesquisa, a decisão do caminho metodológico a ser seguido é uma das dimensões fundamentais e motivo de grande preocupação do investigador ao delimitar o seu problema. A metodologia, o enquadramento teórico e a habilidade do pesquisador na construção do trabalho científico, compõem o tripé que sustenta a investigação científica (p. 279).

Com vistas a debater sobre as escolhas do percurso metodológico, abordaremos, neste artigo, sobre a técnica do grupo focal e sua relação com as pesquisas voltadas para a discussão da Educomunicação.

Definindo a técnica do Grupo Focal

A técnica de grupo focal foi originalmente proposta pelo sociólogo norte americano Robert King Merton, com a finalidade de obter respostas de grupos a textos, filmes, questões e diversos materiais apresentados. Por meio da introspecção de diferentes sujeitos, buscava-se as informações sobre a sua vida cotidiana e como eram influenciados e influenciavam no grupo. O principal objetivo dessa modalidade de pesquisa, neste caso o objetivo era “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento”. (GOMES, 2005, p. 279)

Os grupos focais, embora sejam mais utilizados em pesquisas no campo das ciências humanas e sociais, também foram empregados em pesquisas mercadológicas nos anos 50, mas foi a partir dos anos 80 que os pesquisadores de outras áreas do conhecimento começaram a despertar o interesse por essa técnica. Com a crescente aplicação desse instrumento nas pesquisas acadêmicas, é importante analisá-lo como alternativa às técnicas de coleta de dados mais tradicionais, tais como questionários, entrevistas individuais e outras (DIAS, 2000).

A metodologia do grupo focal é caracterizada, conforme Gatti (2012), como um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema a partir da sua experiência pessoal. O grupo é focalizado no sentido de envolver algum tipo de atividade coletiva, como assistir a um filme e conversar sobre ele, examinar um texto sobre algum assunto ou debater um conjunto particular de questões que estejam articulados à pesquisa.

O trabalho com o grupo focal pode trazer bons esclarecimentos em relação a situações complexas, polêmicas, contraditórias, ou a questões difíceis de serem abordadas em função dos autoritarismos, preconceitos, rejeição ou sentimentos de angústia ou medo de retaliações; ajuda a ir além das respostas simplistas e simplificadas, além das racionalizações tipificantes e dos esquemas explicativos superficiais. (GATTI, 2012, p. 14)

Por conseguinte, o grupo focal é uma técnica que permite que certas complexidades e subjetividades sejam exteriorizadas pelos participantes do grupo, as quais provavelmente que com outros instrumentos não seria possível.

Para organizar e desenvolver o trabalho com grupos focais é fundamental fazê-lo em função do problema da pesquisa. O pesquisador precisa ter claro o problema da sua investigação para planejar as questões que serão levadas para o grupo. É importante ter um roteiro de questões construído com bastante antecedência, muito refletido e amparado por teorias consistentes. Barbosa e Gomes (1999, p. 04) recomendam que as primeiras questões do roteiro devem ter um caráter mais geral e uma abordagem simples, para garantir a participação de todos no grupo. Depois, podem ser apresentadas outras questões mais específicas e elaboradas. Às vezes, durante o encontro do grupo focal, para algum participante o encontro pode parecer aberto e não estruturado. No entanto, o pesquisador, por possuir um planejamento muito bem elaborado, vai atuar como mediador e redirecionar o diálogo sempre que for necessário (DIAS, 2000, p. 04).

Os objetivos da investigação também devem estar muito claros para a composição dos participantes do grupo focal. Gatti (2012, p. 18) destaca que para a sua criação, o grupo deve ter características homogêneas, mas com diferenças suficientes para que o debate apresente questões divergentes. Para Dias, (2000, p. 03), o grupo focal pode se iniciar com o agrupamento de seis a dez pessoas selecionadas a partir de suas características, homogêneas ou heterogêneas, sempre relacionadas a temática a ser discutida.

Outros dois aspectos importantes na execução do grupo focal são o local dos encontros e o registro das interações. Conforme Gatti (2012, p. 24), o local adequado pode proporcionar uma interação maior entre os integrantes do grupo. Para a autora, a disposição em círculo permite o olhar direto, promovendo, assim, uma maior interação entre os membros do grupo. Assegurar o conforto dos participantes e a eficiência dos recursos que serão utilizados no encontro, a presença de convidados e palestrantes, entre outras questões, é fundamental para que os dados sejam revelados. A autora também apresenta diferentes formas de registrar os encontros dos grupos focais, como o uso de relatores, gravação em áudio, gravação em vídeo e anotações. Entre as formas de registrar os encontros, pode ser utilizado um diário de bordo, onde constam anotações

de todo o processo do grupo focal, desde os primeiros contatos com os integrantes até as observações não relatadas verbalmente.

Sobre o tempo do encontro do grupo, Gatti (2012, p. 28) sugere que não deve ultrapassar três horas, dependendo dos objetivos e do envolvimento no debate. Neste sentido, é fundamental que o pesquisador esteja intensamente atento e envolvido na conversa para que possa intervir e propor novos tópicos, aprofundando o diálogo, retomando outras questões pertinentes, ou encerrando o encontro. Barbosa e Gomes (1999, p. 05) sugerem que a conversa do grupo focal seja alternada com brincadeiras e dinâmicas, pois isso pode deixar os participantes do grupo mais à vontade. Ao final dos trabalhos, pode ser aplicado um questionário onde cada integrante relate como foi a participação neste grupo. Isso iria contribuir e somar mais dados à pesquisa.

Em relação à análise dos dados obtidos com o grupo focal, Gatti (2012) argumenta que os procedimentos são os mesmos de outras análises de dados qualitativos nas ciências sociais e humanas. Para a autora, a análise dos dados é um processo de elaboração e de busca de trajetórias frente às várias informações coletadas. Isso exige do pesquisador “um esforço para não perder de vista seus propósitos e manter a capacidade de julgar a pertinência dos rumos analíticos em sua contribuição ao exame do problema”. (GATTI 2012, p. 44).

A análise dos dados é uma etapa muito importante da investigação, e por isso é importante o pesquisador estar atento para as questões apresentadas pelos autores, acrescentando, de acordo com os referenciais teóricos próprios de cada campo, outros elementos para a análise. Estar atento a isso pode ajudar a garantir o rigor da pesquisa científica.

Além de contribuir sobremaneira com a pesquisa, o trabalho com a técnica do grupo focal é capaz de trazer benefícios para os integrantes do grupo (GATTI, 2012, p. 70), como a ampliação do círculo de amizades, o acréscimo de informações sobre a temática, a chance de participar de processos decisórios, assim como dialogar com pesquisadores e especialistas da área. Desse modo, é possível observar que a pesquisa com grupos focais possibilita ao investigador coletar informações de diferentes naturezas, abarcando conceitos, opiniões, valores, percepções, sentimentos e até mesmo preconceitos, que podem fornecer dados importantes e contribuir para os objetivos da pesquisa.

O ambiente gerado pela organização do grupo focal propicia a interação entre os integrantes do grupo e as informações relatadas por eles, assim como estimulam os demais a falar sobre o assunto (GOMES, 2012, p. 281). Além disso, o debate entre os participantes do grupo enriquece a qualidade das informações e o fato de estarem em um grupo de iguais permite maior segurança para expressar suas ideias, com respostas mais espontâneas e genuínas.

Todas essas dimensões vão ao encontro dos pressupostos da Educomunicação, um campo relativamente novo que defende a criação de ecossistemas comunicativos para a promoção de uma aprendizagem mais crítica, cidadã e participativa, onde o diálogo é essencial. Portanto, acreditamos que a técnica de grupo focal se articula de maneira muito promissora às pesquisas do campo da Educomunicação, pois possibilita o diálogo e a construção de ecossistemas comunicativos entre o pesquisador e os sujeitos participantes da pesquisa.

Situando o campo da Educomunicação

O crescente aumento dos fenômenos comunicativos tem cada vez mais estado presente no debate no campo da Educação, principalmente diante das possibilidades quase ilimitadas de informação e comunicação acarretadas pelo ciberespaço e das profundas transformações nos modos de perceber, se relacionar e apreender o mundo, decorrentes desse cenário.

A Educomunicação busca compreender e atuar frente aos fenômenos comunicativos no âmbito educativo. A inter-relação desses dois importantes campos, educação e comunicação, reconhece que, “simultaneamente, cada um a seu modo, educam e comunicam” (SOARES, p. 2011, p. 18). A partir deste entrecruzamento e da inter-relação entre a educação e a comunicação, a Educomunicação surge com base teórica na educação dialógica e libertária de Paulo Freire e em pesquisadores da Teoria das Mediações latino-americanas.

O termo Educomunicação foi criado pelo pesquisador Mario Kaplún para analisar as relações entre comunicação e educação, e por grupos da América Latina ligados à Organização Católica Latino-Americana e Caribenha de Comunicação (OCLACC) (SOARES, 2011). Apesar de ser originalmente cunhada na América Latina,

hoje este campo é pesquisado em diversos lugares pelo mundo, inclusive nos países do hemisfério Norte, sendo que cada centro de pesquisa possui suas especificidades próprias.

A Educomunicação é um campo de intervenção social, de diálogo e integração, onde o elemento estruturante é a polifonia discursiva (SOARES, 2000). Assim, abrange uma proposta educativa que se integra e está atenta à dimensão comunicativa na educação, cada vez mais presente no cotidiano contemporâneo e marcadamente impulsionada pelas tecnologias digitais. Para Martín-Barbero (2011, p. 209), é um campo novo porque apresenta o horizonte dos novos modos de produção de conhecimento e porque aborda o que nunca havia sido pensando, nem da educação e nem na comunicação.

A Educomunicação busca trabalhar a educação formal e não formal no interior dos ecossistemas comunicativos, promovendo a conscientização frente a produção de mensagens e um posicionamento crítico diante de “um mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação” (CITELLI e COSTA, 2011, p. 08). Logo, deve ser construída com intencionalidade e exige planejamento, clareza conceitual, acompanhamento e avaliação (SOARES, 2011, p. 37). Deve levar os estudantes não somente a ler criticamente as mensagens dos meios, mas possibilitar formas de criação e expressão, gerando espaços de cidadania pelo uso participativo das tecnologias digitais.

É possível constatar que tais dimensões da pesquisa em Educomunicação convergem de maneira muito propícia à técnica do grupo focal.

Afinidades entre os ecossistemas comunicativos e a técnica do grupo focal

Um dos conceitos-chave do campo da Educomunicação é a criação de ecossistemas comunicativos. Verifica-se que a técnica de grupo focal, por ser dialógica e participativa, está de acordo com os pressupostos da Educomunicação e da construção de ecossistemas comunicativos no espaço escolar.

Para Soares (2000, p. 12), a Educomunicação é “um campo dialógico, espaço para o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e a solidariedade”, com um imenso potencial transformador. Por isso, a criação de ecossistemas comunicativos

permite a construção de novos espaços de aprendizagem que incluem valores importantes para o presente e também para o futuro da humanidade, além de contribuir para a superação da visão científica moderna, assentada na racionalidade e compartimentalização do conhecimento.

Com o surgimento da *Web 2.0* a Educomunicação passou a assumir um foco voltado não somente para a recepção e a mediação, mas também para as novas maneiras de produzir as mídias e de construir conhecimentos a partir delas. E esse é um papel que o sistema educativo deve assumir como seu, para poder emancipar crianças e jovens na cultura participativa do ciberespaço. Martín-Barbero (2014, p. 120) esclarece que “devolver aos jovens espaços nos quais possam se manifestar estimulando práticas de cidadania é o único modo pelo qual uma instituição educativa, cada vez mais pobre em recursos simbólicos e econômicos, pode reconstruir sua capacidade de socialização”.

Por isso, a criação de ecossistemas comunicativos que promovam a participação, a expressividade e a cidadania, é hoje tão necessária no âmbito escolar. Se o sistema educativo estiver preparado para se abrir para as novas percepções de mundo, a construção de ecossistemas comunicativos pode ter um papel decisivo na vida escolar dos estudantes, pois auxilia na criação de novos valores, novas maneiras de perceber, conhecer, sentir, ver e aprender (CITELLI E COSTA, 2011). Isso também gera novos padrões de sociabilidade e reorienta práticas ultrapassadas e fracassadas. O ecossistema comunicativo possibilita, para Martín-Barbero (2011), a difusão descentralizada de saberes, formando cidadãos capazes de conviver, harmonizar e respeitar. Dele emergem novos modos de ler, ver, aprender e conhecer de maneira mais cidadã.

A cidadania hoje é muito mais do que apenas ter acesso a bens de consumo ou às informações dos meios. “A cidadania pressupõe o direito à educação e à comunicação” (SARTORI, 2015, p. 105). A comunicação, enquanto parte da infraestrutura tecnológica globalizada da atualidade, apresenta perversões, mas também oportunidades. Uma delas é a configuração de um novo espaço público de cidadania, onde a escola tem o compromisso de formar “pessoas capazes de pensar com suas cabeças e de participar ativamente na construção de uma sociedade justa e democrática”. (MARTÍN-BARBERO 2011, p. 11)

O ecossistema comunicativo é “um conceito a ser construído, um devir: um sistema complexo, dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e de

ação comunicativa integrada” (SOARES, 2011, p. 44). É, por consequência, uma meta coletiva a ser construída que visa a qualidade das relações e a garantia da abertura à participação. Por meio da construção de ecossistemas comunicativos, a Educomunicação busca:

A perspectiva de educação para a vida, do sabor da convivência, da construção da democracia, da valorização dos sujeitos, da criatividade, da capacidade de identificar para que serve o conjunto dos conhecimentos compartilhados através da grade curricular. (SOARES, 2011, p. 45)

Verifica-se, dessa maneira, que a técnica de grupo focal pode contribuir para as pesquisas no campo da Educomunicação e para a criação de ecossistemas comunicativos.

Schöninger *et al* (2015, p.3) entende o ecossistema comunicativo como:

Uma ambiência que possibilita a construção e reconstrução do conhecimento de maneira coletiva, com uma reflexão constante e compartilhada do fazer pedagógico. (...) para que possamos criar e fortalecer esses ecossistemas comunicativos temos que pensar em espaços educativos que potencializem uma permanente troca de informações e de produção cultural que implique a construção coletiva de significados.

O grupo focal irá contribuir nessa construção coletiva, seja com os professores ou com os alunos, uma vez que é possível utilizar a técnica com todos os sujeitos da comunidade escolar. O grupo focal valoriza a experiência docente e permite a expressividade, as trocas de informações e produção cultural que acarretarão na construção de significados pelos participantes do grupo.

Ambos, ecossistemas comunicativos e técnica do grupo focal, contribuem para a melhoria das relações entre professores e estudantes, motivando a solidariedade, o respeito, a cidadania e a busca de objetivos comuns. Um e outro são ambientes abertos, flexíveis, que levam em consideração o diálogo e a comunicação como elementos basilares para a compreensão da realidade.

Para Paulo Freire (1983, p. 46), o diálogo é uma estrutura fundamental do conhecimento e a educação é comunicação, “na medida em que não é transferência de

saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Freire defendeu a dialogicidade – parte da comunicação – como um elemento fundamental do processo de autonomia, libertação e de construção do conhecimento dos sujeitos no sentido da conscientização. Para ele, não há comunicação sem dialogicidade, pois a comunicação está no núcleo do fenômeno vital.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. O diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. (FREIRE 1980, p. 82)

Em concordância com Freire, o diálogo, enquanto caminho de encontro de homens e instrumento de transformação do mundo, não pode existir sem amor, “se eu não amar o mundo – se eu não amar a vida – não consigo entrar em diálogo” (FREIRE 2001, p. 136). Ele elenca uma série de condições para que o diálogo verdadeiro se estabeleça, não como depósito ou simples intercâmbio de ideias, tampouco como discussão hostil e impositiva, mas como encontro de homens que ao dizer suas palavras, encontram seu significado e transformam o mundo. Essas condições são a humildade, a fé intensa nas pessoas, a esperança e o pensamento crítico. Na sua proposta de uma educação libertária e problematizadora, o diálogo é a essência da ação política, educativa e revolucionária.

A comunicação e o diálogo, logo, são fatores extremamente importantes, não só para a vida, mas também para o processo educativo. É por meio do diálogo, junto com a ação e a reflexão, que professores e estudantes podem significar e construir conhecimentos, tomar consciência da realidade na qual estão inseridos, no sentido da transformação desta realidade por meio da práxis. Afinal, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão” (FREIRE 1983, p. 78).

Jesús Martín-Barbero também reconhece a importância do diálogo enquanto dimensão comunicativa.

É na comunicação que os homens assumem suas palavras fazendo implodir, ao mesmo tempo, o círculo da totalidade totalitária e o da consciência solipsista. Dialogar é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo. A palavra não é um mundo à parte, mas faz parte da práxis do homem: “a justiça é o

direito à palavra”, pois é a possibilidade de ser sujeito em um mundo onde a linguagem constitui o mais expressivo lugar do “nós”. (MARTÍN-BARBERO 2014, p. 33-34)

Dessa forma, tanto os ecossistemas comunicativos como a técnica do grupo focal coincidem na importância que atribuem à dimensão do diálogo na construção do conhecimento. Em ambos os casos, o diálogo requer escuta e passa necessariamente por alteridade, por a admissão das diferenças, por tolerância e pela profunda esperança na humanidade.

Considerações finais

Toda escolha metodológica possui potencialidades e limites. Por isso, o pesquisador deve estar atento quanto a escolha de um referencial teórico coerente ao utilizar a técnica de grupo focal na investigação. É necessário assegurar que a construção do conhecimento seja feita pela reflexão contínua, de maneira investigativa, crítica e com critérios que garantam o rigor científico e que assegurem o protagonismo tanto do pesquisador como dos sujeitos participantes da pesquisa.

Nesta tessitura acreditamos que as dimensões que estruturam o campo da Educomunicação, conforme explicado ao longo deste artigo, convergem de maneira muito propícia a técnica do grupo focal, uma vez que se trata de uma metodologia dialógica e participativa onde todos os participantes possuem voz ativa durante os encontros de discussão.

Diálogo, participação, conscientização, flexibilidade e autoria, elementos propiciados no grupo focal, também são os atributos fundamentais em um ecossistema comunicativo que vise a promoção da aprendizagem e a construção de saberes que sejam relevantes para se viver hoje na sociedade da informação. Afinal, ambas devem ser inclusivas, democráticas e participativas, no sentido não apenas de contribuir com a construção de um conhecimento mais significativo, mas também de possibilitar que a prática científica seja uma forma de intervenção social.

Referências

ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade.** Cadernos de Pesquisa: Porto Alegre, 2011.

BARBOSA, Eduardo F.; GOMES, Maria E.S. **A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos.** Educativa, 1999.

CITELLI, Adílson Odair. COSTA, Maria Cristina C. (Org.) **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

DIAS, Cláudia Augusto. **Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas.** Informação & Sociedade: estudos, 2000. Disponível em: <http://search.proquest.com/openview/36c7f81849d8050f01a906c125cdac3d/1?pq-origsite=gscholar>.

FREIRE, Paulo. PASSETTI, Edson. **Conversação libertária com Paulo Freire.** São Paulo: Imaginário, 1994.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação.** São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira.** São Paulo: Ed. Olho D'água, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber Livro, 2012.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal.** São Paulo: Eccos Revista Científica – Universidade Nove de Julho, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71570203>.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Desafios culturais: da comunicação à educomunicação.** In: CITELLI E COSTA (Org.) Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **A comunicação na educação.** São Paulo: Contexto, 2014.

SARTORI, Ademilde. **Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída.** Comunicação, mídia e consumo. São Paulo: 2010. Disponível em <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/193>

_____. Comunicação, educação e direitos humanos: um deslocamento de referências. *In*: RADDATZ, Vera Lucia Spacial (Org.) **Educação e comunicação para os direitos humanos**. Ijuí: Unijuí, 2015.

SCHÖNINGER, Raquel Regina Zmorzenski Valduga. *Et al.* **Educomunicação e prática pedagógica educ comunicativa**: uma revisão sistemática. São Luís: Cadernos de Pesquisa, 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação e Educação: São Paulo, 2000.

_____. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.